

A ANTROPOFAGIA CINEMATOGRAFICA EM *IBIRAPEMA*, DE OLINDA TUPINAMBÁ

Maria Clara de Souza Santos
USJT Universidade São Judas Tadeu
Cinema e Audiovisual, Mooca, 8222243187@ulife.com.br

Ana Carolina Cernicchiaro, (Dra.)
UNISUL Universidade Do sul de Santa Catarina
PPGCL, Pedra Branca, ana.cernicchiaro@ulife.com.br

RESUMO

O presente texto tem como objetivo refletir sobre a produção cinematográfica indígena contemporânea. Por meio da análise do filme *Ibirapema*, de Olinda Muniz Wanderley Tupinambá, obra produzida através do programa “Atos Modernos” e exibido na Pinacoteca de São Paulo no ano do centenário da semana de 22, levantaremos relações entre o longa-metragem e a Antropofagia, tema central do filme e pungente durante a primeira Semana de Arte Moderna.

Palavras-chave: Cinema indígena, Ibirapema, antropofagia.

INTRODUÇÃO

Este artigo propõe analisar o filme *Ibirapema*, dirigido por Olinda Tupinambá, cineasta do povo Tupinambá e também Pataxó Hãhãhãe, para o programa de comissionamento artístico Atos Modernos, um projeto proposto pela Pinacoteca de São Paulo em parceria com a Coleção Ivani e Jorge Yunes, para criação de obras que refletem sobre o Modernismo brasileiro. A exposição ocorreu em 2022, ano do centenário da Semana de Arte Moderna.

O objetivo do texto é analisar o filme *Ibirapema*, considerando as pautas relevantes aos povos indígenas brasileiros, como o genocídio e o apagamento histórico que começaram com o colonialismo, mas que se mantêm até os dias de hoje. Busca-se também dar visibilidade a essas populações e disseminar a produção fílmica feita por indígenas no Brasil, além de debater a relação entre o produto audiovisual e a colonialidade.

A mídia, o cinema, a literatura e o próprio ambiente educacional criam e alimentam uma visão estereotipada sobre os indígenas. Conforme explica Daniel Munduruku, no Brasil, os povos indígenas foram rotulados até os dias de hoje, principalmente a partir de duas visões:

uma visão romântica, de que somos representantes do início da humanidade, que estamos presos ao passado e que é muito bonito ser índio, muito legal, muito romântico, muito maravilhoso, muito saudável. Esse é um lado romântico de encarar as coisas. Por outro lado, tem o olhar que vê o

índio como preguiçoso, como selvagem, que atrapalha o progresso e o desenvolvimento, que pensa que o índio tem muita terra e não sabe o que fazer com ela. (MUNDURUKU, 2017, p. 19).

Os indígenas vêm sendo descritos desde a chegada dos portugueses ao Brasil, em obras que por sua vez transmitiram, majoritariamente, uma visão distorcida sobre os povos que buscavam retratar, contudo, nas últimas décadas, a produção cinematográfica indígena tem crescido e com ela a potencialidade desse cinema como instrumento de luta política. Como explicam Graci Guarani, Takumã Kuikuro e Christian Fischgold no catálogo da mostra “Demarcação das telas e revolução das imagens: celebrando a produção audiovisual indígena no Brasil”:

Atualmente, cerca de 90% das comunidades indígenas brasileiras possuem seu próprio cineasta. Esses artistas transformaram suas comunidades em poderosos centros de produção de imagens, e ocuparam uma posição importante no intercâmbio da produção simbólica, fortalecendo significativamente uma cadeia produtiva com diversas possibilidades de formação e atuação.

Ibirapema, a obra analisada, conta a história de uma mulher que consome carne humana e torna-se onça, esse ser transita entre um local mítico, na floresta e os museus da cidade. Entre esses ambientes, a personagem muda, ora pessoa, ora onça e ora obra de arte.

MÉTODOS

Para a elaboração deste texto, realizou-se a análise fílmica do objeto estudado e pesquisa bibliográfica sobre a temática, de forma a compreender seu potencial político.

Para a reunião de materiais como fonte de pesquisa, empregou-se os descritores: Cinema indígena, Arte indígena e Antropofagia na base de dados do Portal de Periódicos da CAPES e no Portal da Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares de Comunicação. Além desses artigos encontrados, a pesquisa se baseou nos conceitos de Antropofagia de Oswald de Andrade e de Perspectivismo ameríndio, termo concebido por Eduardo Viveiros de Castro e Tânia Stolze Lima.

Os materiais reunidos foram utilizados para analisar o filme *Ibirapema*, a fim de compreender as potencialidades políticas e artísticas do cinema indígena, em uma análise com foco simbólico, buscando compreender os símbolos e metáforas contidos na obra fílmica e, discursiva, uma vez que procura debater o caráter político presente na narrativa.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A ascensão de cineastas indígenas representa uma esperança de visibilidade. Para além da capacitação de profissionais, é preciso que eles obtenham acesso a financiamentos para produzirem suas obras e, espaço de exibição para que esses filmes cheguem a outras pessoas, como ressalta a cineasta Graciela Guarani, “a realidade é que a gente está produzindo com nada há muito tempo”¹. Ruben Caixeta de Queiroz, Cora Lima, Daniel Ribeiro Duarte e Júnia Torres discutem, no catálogo do forum.doc.bh de 2023, sobre as mudanças que vêm acontecendo desde o início do cinema indígena.

Se o cinema indígena se iniciou lá nos idos anos de 1980, ou seja, há quase 40 anos atrás, a partir de uma perspectiva colaborativa, por meio do pioneirismo do projeto Vídeo nas Aldeias, hoje ele se ramificou através de distintos coletivos, feitos a muitas mãos pelos próprios indígenas, ou, ainda em perspectiva colaborativa, entre indígenas e não indígenas, mas também por meio da afirmação de autores e artistas dos mais diversos povos.

Ibirapema surge da parceria entre uma cineasta indígena e um museu de arte, essa colaboração possibilitou a ocupação como artista de uma instituição em que os índios, até poucas décadas atrás, eram apenas inspirações para as obras.

Os indígenas do povo Tupinambá, assim como de outros grupos, praticavam o canibalismo, portanto, a escolha do tema principal do filme é tanto uma homenagem aos ancestrais da diretora do produto audiovisual, Olinda Tupinambá, quanto uma atualização dessa prática ancestral para os dias de hoje.

Ibirapema, nome dado ao filme e à personagem principal, é um tacape usado pelos Tupinambá para matar seus inimigos presos, em um ritual de vingança comumente associado ao ato antropofágico. O canibalismo Tupinambá não acontecia por fome ou desejo, mas por vingança e, por meio dele, era-se possível adquirir a força do inimigo. “Guerra mortal aos inimigos e hospitalidade entusiástica aos europeus, vingança canibal e voracidade ideológica exprimiam a mesma propensão e o mesmo desejo: absorver o outro e, neste processo, alterar-se.” (CASTRO, 2002, p. 207).

Viveiros de Castro afirma que faz parte da ontologia indígena valorizar a alteridade do outro, o que se contrapõe com a cultura ocidental, que diversas vezes buscou, e ainda busca, converter o outro à sua própria imagem semelhante ou, então, categorizar o

¹ Sobre isso, ver a fala completa de Graciela Guarani, em entrevista ao jornal Nexo intitulada “Indígenas produzem audiovisual com nada há muito tempo” (2023). Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2023/04/28/indigenas-produzem-audiovisual-com-nada-ha-muito-tempo>. Acesso em: 07 de nov. 2025.

outro como inferior por conta de suas diferenças. Se a representação indígena feita por autores brancos é majoritariamente estereotipada, *Ibirapema*, por sua vez, não busca definir o outro, mas falar sobre si, em um processo que valoriza a diversidade, explicitado na frase “A diversidade dos povos é a coisa mais importante para a humanidade”, repetida mais de dez vezes em idiomas distintos durante o filme.

CONCLUSÕES

Pouco antes de matar o guerreiro inimigo, a protagonista afirma “Você e os seus mataram muitos parentes nossos, para vingar essas mortes eu te matarei, te assarei e te comerei”, frase que ressalta a memória Tupinambá e a importância de suas relações sociais. Portanto, a existência do outro é necessária para que se possa definir quem se é. “Para os Tupinambá, o fundamento da sociedade era a relação com o outro, não a coincidência consigo mesmo, mas o desejo de ser o outro, a incorporação do outro, a saída de si, um devir-outro.” (CERNICCHIARO, 2018 p. 233).

A antropofagia do filme além da narrativa está em seu conteúdo: na escolha da cineasta em usar referências claras ao filme *2001: Uma Odisseia no Espaço*, de Stanley Kubrick, na trilha musical repleta de músicas clássicas e na máxima oswaldiana “Só me interessa o que não é meu.” (ANDRADE, 1970, p. 13), mas o que vem do outro precisa ser transformado para criar algo novo.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Oswald de. **Do pau-brasil à antropofagia e às utopias**: Manifestos, teses de concursos e ensaios. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.

BANIWA, Denilson. Reantropofagia. **Concinnitas**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 44, p. 33-34, 2022.

CERNICCHIARO, Ana Carolina. “Nenhum rosto sem o outro”:: a poética ameríndia e o devir-menor. [S.l.]: **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n.53, 2018, p. 219-242.

FISCHGOLD, Christian; GUARANI, Graci; KUIKURO, Takumã. **Demarcação das telas e revolução da imagens**:: celebrando a produção audiovisual indígena no Brasil. In Catálogo do Instituto Moreira Salles Cinema. São Paulo, 2023, p. 7.

IBIRAPEMA. Direção: Olinda Muniz Wanderley. Brasil: [S.n.], 2022. (50 min.). Disponível em:

<https://assista.itauculturalplay.com.br/ItemWatchhttps://assista.itauculturalplay.com.b>

r/ItemDetail/664ca709a57f4453ce1f76b4/663e81fb7211bb1c3516a166 Acesso em: 10 jul. 2025.

MIGNOLO, Walter. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. Tradução: Marco Oliveira. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 32, n. 94, 2017, p.1-18.

QUEIROZ, CAIXETA et al. **Um sopro e uma luz pela autodeterminação dos povos e dos cinemas indígenas**. In: Catálogo do Forumdoc.bh. Belo Horizonte, 2023, p. 19.

SHOHAT, Ella; STAM, Robert. **Crítica da Imagem Eurocêntrica**. Tradução: Marcos Soares. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **A inconstância da alma selvagem**: e outros ensaios de antropologia. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Encontros**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2007.

FOMENTO

Programa Pró-Ciência do Ecossistema Ânima.